



A escuta das favelas disponível em verbetes, áudio e vídeo, o dicionário de favelas Marielle Franco completa 5 anos lançando um novo projeto dentro da plataforma.

Memória viva hoje a gente faz o lançamento dessa nova iniciativa e celebra o aniversário do dicionário e, principalmente, homenageia a expressão rica e essencial das favelas e seus olhares sobre si mesma e um mundo.

Esse não é um site da Fiocruz, que é um site da sociedade brasileira.

Acima de tudo, eu considero o racismo como fator econômico e quando eu falei em fazer um dicionário de favela, os especialistas acharam que IA criar uma loucura.

Quando a gente cria o projeto, a gente já está ali incidindo na construção de um futuro mais plural, mais amplo.

Nós, mulheres negras, nós não temos direito de parar.

É só prosseguir.

Se estamos na base da pirâmide, se a gente se movimenta, toda a sua sociedade se articula também. Eu acho que todo mundo precisa ouvir um pouco, entender porque algumas pessoas, elas se envolvem numa luta, às vezes sem reconhecimento nenhum. Por que que isso acontece?

Comigo no estúdio hoje, conversando sobre o dicionário de favelas Marielle Franco Paloma Menezes, integrante da equipe do dicionário de favelas Marielle Franco.

Cleonice dias, integrante do conselho editorial do dicionário de favelas Marielle Franco e ex moradora da cidade de Deus, no Rio de Janeiro. Itamar Silva, integrante do conselho editorial do dicionário de favelas Marielle Franco, morador do morro de Santa Marta, também no município do Rio.

E eu adoro quando você participa de casa, me mandando as suas perguntas ou dividindo a sua experiência com a gente. Eu recebo aqui pelo WhatsApp 0 21 99701-8122 ou pelas redes sociais do canal saúde. Então não deixa de participar.

Cleonice, Paloma, Itamar, que prazer estar com vocês 3 aqui para falar desse projeto lindo. Vou começar com você, Itamar, falando um pouco dessa integração. Como é que isso

aconteceu?

Como é que se arquiteta esse projeto em parceria com a academia e as favelas, as favelas e a academia? Como é que foi isso?

Eu acho que o dicionário ele só foi possível, e só é possível porque ele carrega desde seu nascedouro.

Esse encontro entre a academia e a militância de favela, eu acho que foi muito feliz. Sônia florir quando propõe, né, e pensa a questão do dicionário, mas ela pensa isso numa confluência, né, com os militantes de favela, com pessoas que estão engajadas nesse cotidiano. Então o dicionário é resultado disso, desse encontro.

Eu acho que por isso que ele tem essa potência, ele indica um caminho promissor.

Como é que você percebe essa integração? Cleonice, como é que foi esse começo? AA, vamos dizer, o Big Bang aí, dessa dessa ideia tão bonita é.

Começou antes, sabe porque na época do governo Conde ele trouxe publicamente?

Onde o prefeito aqui do Rio de Janeiro, né?

Prefeito do Rio de Janeiro, ele trouxe a proposta de cercar a Rocinha.

Para não crescer e por causa da questão da violência. Lembro disso nesse momento é, as favelas se reuniram para afirmar, é em reuniões, em manifestações, que favela é a cidade, né? E daí veio a ideia da Sônia Fleury, porque ela toma contato com essa quantidade de gente que afirma a favela como valor, como resistência.

Não é pela vida em si só, só o direito de viver já é resistência na favela.

Juntar academia e militantes e moradores de favela é o compartilhamento do conhecimento e do saber. Nós da favela temos conhecimento, nós temos saber. E muitas vezes a gente não se acha capaz de escrever porque nós achamos que isso é uma atribuição acadêmica.

O dicionário vem juntando essas forças.

Não é para que a gente possa refletir o que é produzido, o que é vivido e o que é resistência e insurgência nas favelas.

Que abertura bonita de fala Cleonice é tão rica essa cultura das favelas, né? Como não olhar para isso, né, Paloma? Agora eu tenho uma pergunta assim, que pode parecer meio tola, mas eu acho que ela é essencial, porque Marielle Franco no nome desse

dicionário.

Então o dicionário nasce com essa vontade de contar a história das favelas e da cidade. Porque falar sobre as favelas é contar a história de produção, reconstrução de trabalho, cotidiano, é das dinâmicas urbanas, né? É.

E a mariele? Ela era uma das pessoas que estava com é é com essa equipe do dicionário, com o conselho editorial, na idealização do projeto, participando nos primeiros momentos, criando verbetes, né? Ela era uma das autoras que estava colocando no dicionário.

Conteúdos sobre a resistência, sobre a existência nas favelas é, no início, o dicionário surge como um dicionário carioca, mas aos poucos a gente foi vendo que poderia ir para muito além da cidade do Rio, né? Então a gente tirou o termo carioca para virar um dicionário que vai pensar primeiro o estado do Rio, depois o Brasil, né? Agora pensando nas favelas e periferias do mundo.

É, e com o brutal assassinato da Marielle, é AO conselho editorial começou a debater sobre a possibilidade de homenageá-la, né? Primeiro porque ela era uma pessoa próxima de muitas pessoas do conselho, mas principalmente porque a luta dela pelo direito à vida, pelo direito à memória, pelo direito à cidade, né, é fundamental. E a Bandeira que a gente também carrega no dicionário.

Então, acho que Cleo foi uma das pessoas, né, que debateu muito fortemente essa essa ideia. A família também foi consultada.

Né? Mas a ideia é que a mariele lutou a vida toda pelo pelo direito à existência, né? A uma mulher negra, lésbica, que também estava na favela, estava na academia, estava na política e que levanta todas essas bandeiras que todos nós do dicionário queremos continuar celebrando todos os dias, né?

Fala eu?

Queria dizer que mariele é uma. É uma estrada, sabe? É um caminho.

Quem mandou matar?

E quem matou Marielle? Jamais poderia esperar que na favela, essa resistência que ela traz na sua história existe e vai continuar sempre. É uma força, é uma força das mulheres.

É o direito de falar, é a Liberdade de ser feliz, é a Liberdade de viver, de cantar.

De pertencer a cidade, né?

Pertencer a cidade, sabe? Então Marielle vive a favela é vida.

É perfeito o nome dela para esse dicionário, né? Bom, a gente traz para você agora um pedacinho do dicionário de favelas Marielle Franco, história e modos de usar e fazer parte.

Uma plataforma nacional aberta, gratuita e livre, uma ferramenta para preservar memórias vivenciadas pelas favelas e periferias do Brasil.

Um dicionário que carrega no nome uma homenagem a quem teve sua voz calada e que tanto lutou pelos direitos humanos, em especial de mulheres negras e moradores de comunidades. Essa é uma história que completa 5 anos e que parte da percepção da ausência de lugares onde os conhecimentos sobre favela circulassem mais facilmente. Me impressionou muito a quantidade de.

Conhecimento de militantes políticos dentro das favelas, que hoje tem pessoas que estão fazendo doutorado, tem pessoas que tem centros culturais, tem várias iniciativas fantásticas refletindo sobre a condição de favela, produzindo conhecimento, e essas coisas não circulam também. Sônia Fleury procurou, então uma forma de organizar todos esses saberes.

E formulou uma proposta ao lado de especialistas na temática de favelas e lideranças territoriais. Inicialmente, quando eu falei em fazer um dicionário de favela, os especialistas acharam que aquilo era uma loucura. Mas depois o Marcelo fornazin, que foi meu aluno, é trabalha com inteligência artificial, saúde digital e tudo isso.

Ele disse, mas é possível, a gente faz com uma plataforma.

Então nós pegamos o software da wikipedia.

E começamos a adaptá-lo para pensar o conhecimento e reunir o conhecimento das favelas. Então o surgeawikfavelas.com.br a ideia da wikfavelas.com.br, que é a base tecnológica do dicionário de favelas Marielle Franco.

A tecnologia da Wikipédia, porém, com um novo conceito, textos autorais e com possibilidade de confronto de ideias. O pessoal da Wikipédia veio nos procurar para saber da gente como é que eles é fazendo lá a.

As suas pesquisas viram que na Iped Internacional, a maioria são homens brancos do norte que escrevem e queriam saber como é que nós conseguimos mulheres negras das favelas para poder trabalhar, né? Produzir e circular esse conhecimento. Então a gente andou trocando umas figurinhas ao contrário, e também eles nos ajudaram em resolver questões técnicas.

Bom, já que nas favelas a tradição de comunicação é muito oral.

O dicionário precisou incorporar formas alternativas à escrita.

São saberes expressos como verbetes que podem ser textos, fotos, vídeos, poemas, conhecimentos criados por qualquer pessoa que queira participar.

Como você enxerga o racismo no Rio de Janeiro?

O racismo no Brasil é estrutural, acima de tudo. Eu considero o racismo como fator econômico. O dicionário de favelas Marielle Franco tem mais de 1600 verbetes publicados.

Mais de 3000 arquivos e média mensal de 42000 acessos. É um trabalho lindo que passa a ser também cada vez mais é visitado e consultado por pessoas que estão fazendo monografias, teses e tudo mais. Então agora nós estamos com uma avaliação de saber quantas referências o dicionário é citado nas teses que estão na Capes.

Quantas vezes é no Google? Scholar? Marcelo fornazin destaca a importância das estratégias de diálogo que foram criadas para estimular as pessoas a participarem.

Lives, oficinas, congressos, audiências públicas e ciclos de estudo para pensar formas de continuar evoluindo.

É o que eu chamo de um processo sociotécnico.

Então, do mesmo modo que a gente propõe uma tecnologia, a gente constrói em conjunto uma comunidade, uma rede de produtores de conhecimento que já estão lá produzindo esse conhecimento no seu dia a dia. Então a gente aporta, né, a disponibiliza essa ferramenta e busca meios de trazer as pessoas para essa construção. Esse não é um site da Fiocruz, não é um site de um grupo específico, é um site da sociedade brasileira.

Então todo mundo pode colaborar e todo mundo tem que ajudar a manter o funcionamento da wiki favelas.

Paloma, a gente celebra 5 anos do dicionário e no segundo bloco a gente vai mostrar uma reportagem falando do projeto memória viva, mas já tocando um pouquinho nele. O que que ele representa? Só como Marco nesses 5 anos de história do dicionário?

O que que ele vem acrescentar a Riqueza desse dicionário?

Então o dicionário surge com uma ideia de trazer pluralidade, várias versões.

Né, sobre a história das favelas no Rio de Janeiro, até por isso a gente não fez dentro da Wikipédia, resolveu fazer uma plataforma própria, porque a Wikipédia eu tenho uma ideia

de chegar a um consenso, né? A nossa ideia sempre foi pensar na diversidade das narrativas sobre as favelas, né? E pensando nisso, a gente sabe que a questão da escrita é um limitador muitas vezes, né, que pensar na história oral é fundamental para poder contar essas várias versões das histórias da favela.

Então, o conselho muito sabiamente deu a ideia da gente investir em história oral, em.

Lideranças, referências, pessoas muito importantes na história da cidade do Rio de Janeiro, que estão atuando há muitos anos, de diferentes maneiras, nesses territórios de favela. Então, o conselho foi indicando alguns nomes para a gente começar esse projeto, que a gente vai contar um pouco mais daqui a pouco. Mas a ideia é que seja um projeto contínuo, né?

Que a gente começou com primeiro bloco, entrevistando 13 pessoas em 2 entrevistas. Tem uma entrevista, né, que é com um casal, mas que a ideia é que a gente.

Continue contando, a partir da oralidade, trajetórias de referências, lideranças, intelectuais, de favela que são muito importantes para a história do Rio de Janeiro e do Brasil.

Leonice, você falava antes da gente exibir a matéria dessa dessa Barreira, que muitas vezes uma pessoa que é nascida e criada na favela pensa ter de falar do seu conhecimento como se ela não soubesse nada, né? E todo ser humano a.

Acumula conhecimento ao longo da vida, né? Sim, queria que você trouxesse um pouquinho mais disso. E como é que o dicionário acaba alimentando essa possibilidade, né?

EEE, valorizando essa expressão.

Sim, é OAO direito à memória é um direito fundamental, né? Porque as lutas não acontecem assim, Do Nada. Elas têm raízes?

Elas têm.

É razões, elas têm são consequência de alguma luta que veio antes, é, não é só que as pessoas não se acham capazes, é porque o acúmulo da luta, né, dos movimentos sociais populares, é muito intensa, né? Muito intensa. As pessoas não estão numa luta só, numa militância só é fundamental esse registro, porque você vai pegando o fio da meada.

As favelas não são iguais.

As favelas tem o DNA diferenciado umas das outras, tem razões e tem formas de estruturar as lutas de acordo com a base da militância que está ali naquele território e acontecimentos específicos. Mas elas estão dentro de um processo, de um sistema de desigualdade, não é?

Então é fundamental que no momento em que a academia produz tanto, que a gente também coloque a nossa produção de resistência pra que a gente encontre o que há de comum nessas lutas, o que há de diferente, quando é que nós podemos, em rede, juntar as forças?

Né? Onde a comunidade avançou mais, a favela avançou mais, onde a periferia também avança. Para que a gente possa juntar forças e dar o passo seguinte a nossa luta e o registro da memória é sempre pensando no impulsionamento do passo seguinte, né?

O que que nós queremos enfrentar? Desigualdade, né?

E é isso que é importante a gente perceber, às vezes, na nossa luta, a gente está reproduzindo relações de poder.

Exatamente, enfrentando exatamente.

Né? E quando a gente registra, a gente pode avaliar essas questões, refletir, né? Refletir sobre isso.

Itamar, é, tem uma fala, né? De um dos trechos do dicionário, que eu acho que é do projeto memória viva já, né? Em que a moça fala, eu considero o racismo como um fator econômico.

Eu acho que poucas vezes eu consegui eu ouvi uma definição tão apropriada para o racismo, né? Até historicamente você vê quanto que o racismo produziu de Riqueza para uma elite dominante no Brasil, né? E aí é, eu te pergunto o seguinte, como é que a gente traz isso?

E quanto que o racismo aponta para as favelas como um alvo principal, né? Afinal de contas, a população brasileira é majoritariamente negra, mas na favela esse percentual vai além, né?

É bem interessante isso, né? Porque é, eu acho que a gente só consegue entender o Brasil, né, se a gente olhar para esse período todo da escravização e o que o racismo produziu como consequência, porque a economia desse país está baseada exatamente na exploração desse.

Corpo, né? Dessa mão de obra negra que construiu e não teve acesso aos benefícios produzidos por essa, por essa estrutura ou por esse desenvolvimento, é tipo.

Trabalho, fique rico, né? Mas quem mais trancar dentro do?

Brasil não fica EE. As favelas concentram, né? As favelas periferias concentram a maioria da população negra e, por consequência, concentra também o não benefício da produção das

idades que a gente construiu.

Eu acho que o Rio de Janeiro é bem emblemático disso, porque.

É, é uma cidade que eu costumo dizer em que não dá para esconder favelas, né? Você vai para Ipanema, tem favela, você vai para zona norte, tem favela, você vai para zona Oeste, tem favela. Então, ela está no cotidiano e atravessa a cena da cidade o tempo inteiro.

Por outro lado, ela não, não serve para resolver o enfrentamento da desigualdade absoluta que a gente tem. E essa estrutura, né? É é do do do do preconceito racial que constrói Oo Brasil.

Então, assim, a favela é uma denúncia constante, né? De quem somos? Por isso que é fundamental e muito importante o dicionário de favelas, porque ele permite exatamente a você a entrar numa disputa, né?

De narrativas onde o de favela não está secundarizado.

Né? Porque a sociedade brasileira é muito assim, é muito legalzinha, né? Ah, de favela, como se fosse um coitadinho.

E o dicionário afirma exatamente o inverso, o de favela é dizer colocar todo mundo no mesmo patamar e dizer aqui também há uma produção de conhecimento, há um posicionamento que é fundamental e é constitutivo, né, da do debate necessário que a gente passa pelo Brasil.

Gente, é riquíssimo, né? Quem ainda não viu, acessa lá o site do dicionário de favelas, Marielle Franco, porque é de uma Riqueza enorme, né? Existe muito conhecimento nas favelas e conhecimento tradicional que passa de geração para geração.

Enfim, é Belo dicionário. Eu quero até aproveitar para trazer aqui a participação da nossa audiência. Rodinei, muito obrigada querido, por mais essa participação.

O Rodinei diz o seguinte.

Como desenvolver, relacionar, se sem se conhecer a outra parte, sem se estabelecer um bom canal de comunicação? O dicionário de favelas Marielle Franco ou simplesmente a ideia de se ter um dicionário de favelas é extremamente importante. Eu acho que o Rodnei traz até o ponto de vista de quem não mora na favela e recebe esse conhecimento, acessa esse conhecimento, que de por outra forma não conseguiria acessar, né?

A Paloma, essa.

Convidar quem não vive a favela, a experimentar de alguma forma é uma grande. É um grande benefício que o dicionário traz, né?

Isso para que é? É, eu acho que fique marcado mais uma vez que a contar a história das favelas, é contar a história de múltiplos fatores, né? Que são necessários para a gente entender o Rio de Janeiro.

Então o dicionário vai falar de economia.

Vai falar de sustentabilidade, vai falar de cultura, vai falar de formas de organização, de movimentos sociais, associativismo, vai falar também de violência, mas vai falar de saúde, enfim, muitos são os temas necessários para gente abordar quando vai pensar em favela e geralmente quando a gente vai para o discurso da grande mídia. A violência predomina de uma maneira muito intensa. E essas outras dimensões não ganham, né?

O destaque que deveriam, então, nossa intenção no dicionário é.

Quer trazer vários aspectos da vida cotidiana das favelas, de suas histórias e principalmente, a partir de várias vozes, né? Então tem muitos verbetes escritos por mulheres negras que estão tomando conta dos seus filhos, que estão trabalhando, que estão construindo a cidade e ao mesmo tempo precisam contar essa história, né? Então, a ideia é que o dicionário seja visitado por quem é de favela e quer conhecer a história dos seus vizinhos, do seu bairro, mas também de quem não é e quem entender a história da cidade dessa construção coletiva, né?

Só sublinhar 111 aspecto, porque o dicionário ele tem uma contribuição efetiva para é. Há um discurso, ao menos no Rio de Janeiro, né, de que a gente não conhece essa favela, não conhece o que a produção, né? É positiva desses desses territórios.

Eu acho que o cenário vai.

Um pouco escancarais de não olhar. Aqui está, olha, olha, olha para isso, né? Para acesso do dicionário, você vai ver a multiplicidade, a diversidade e a potência.

É desse território, desses lugares onde essas pessoas estão ali pensando e reproduzindo a vida, mas fazendo isso com sentido político muito intenso. Eu acho que isso que é importante.

Porque há um certo é, é, é desfaçatez na sociedade carioca, né? De como se não, não, não, não olhasse para esse, para esses lugares com lugar de de vida, lugar de passivo, exatamente como se ele só é tivesse recebendo as OOO bom, mocismo, né? Da sociedade carioca.

E eu acho que a sociedade mostra exata é o dicionário traz essa possibilidade, essa

oportunidade de você olhar a favela na sua dimensão real, né? No que ela é capaz.

De produzir e incidir sobre debate é necessário no Rio de Janeiro.

Sobretudo produção de política, né? A gente está vendo, principalmente depois da COVID-19, da pandemia, o quanto que as favelas produziram políticas para poder combater aquele momento e poder sobreviver aquele momento. Mas não fica num coitadismo, coitadismo, né?

Também de olhar a população das favelas como se fosse uma população que está ali esperando a ajuda do estado.

Né, por favor, leonice.

Eu vou mudar um pouquinho Oo tom da conversa para falar assim, da da estrutura do do dicionário, né? Nós somos 10 pessoas do conselho editor e editorial editor e somos da favela. Temos representantes da favela e temos representantes da academia, né?

Então nós estamos ali juntos e tem uma equipe, tem a coordenação.

Né? É a direção da Sônia e uma equipe que constitui de jovens, que constitui a coordenação e uma equipe de trabalho do dicionário que constrói e que com criatividade, com toda a força, com a sua militância, com seu vigor.

Sabe? Com AA criatividade que é impressionante. O processo de construção e funcionamento da equipe.

É um processo de formação política, de modo que há possibilidade de crescimento, não é, e de fortalecimento. E são pessoas também da academia da favela, que estão na academia, não é? Então é.

É muito interessante essa estrutura. Então tem uma Riqueza.

E nós temos uma perspectiva de nacionalizar, né? É de forma é mais ampla AO dicionário. E quem garante a construção desse caminho é justamente essa, ressaltando.

Que mais importante do que a equipe, da direção e da coordenação são as pessoas que escrevem.

Sim.

Não é que aderem.

A que são da própria favela?

Né, porque ele é um instrumento da sociedade civil, como disse o Marcelo.

E isso é uma coisa interessante do que você está trazendo. Queria pedir para o Itamar comentar é que assim Oo é Oo. Nosso telespectador trouxe a importância desse intercâmbio para quem não vive na favela.

E o que é que Leonice está trazendo é a importância desse intercâmbio também entre as favelas de outros estados, de outras cidades. Né Itamar?

Não, isso é muito bacana. É. Esse é um desafio para o dicionário nacionalizar?

É um desafio, mas é um desafio muito importante. É muito bacana porque permite a gente ver que a reprodução.

Da desigualdade e reprodução da pobreza. Ele se faz de forma igual espalhado por esse Brasil todo, né? Você vai para Belém, por exemplo, e olha para a periferia de Belém, né?

E compara, faz uma comparação, que que acontece aqui no Rio de Janeiro? Você vai encontrar os mesmos elementos.

Que faz com que uma determinada parte da população daquela cidade vive em situações muito diferenciadas do resto desigualdade, a questão do saneamento, a questão da violência, da atuação do estado. Eu estou falando da questão da atuação da polícia nesses territórios que marca o Rio de Janeiro, mas marca também outras periferias. Então, assim, o dicionário, ele vai permitir e está permitindo esse diálogo entre essas periferias.

O que é de. De certa forma, ele fortalece muito AAAA essas organizações locais, mas também eles contribuem. Essa relação, esse a aproximação contribui para a gente, é é explicitar, explicitar o quão desigual e quanto que é reprodutivo da desigualdade é as cidades do Brasil.

E como é que vocês percebem? Passo até passar para você também essa pergunta, Paloma. É, como é que vocês percebem a participação e o acesso das pessoas das favelas ao dicionário?

Como é que isso está?

Então eu queria falar exatamente isso, porque qualquer pessoa que estiver ouvindo a gente agora e quiser entrar na wikfavelas.com.br pode se tornar uma autora em um autor do dicionário.

É uma plataforma aberta gratuita, em que basta você fazer um login colocando né, um e-mail ou uma senha, e pode começar imediatamente a construir um verbete. O verbete pode ser um texto contando a sua história, a história do seu território de moradia, da sua forma de atuação, de militância ou da sua manifestação artística, né? Se for um artista, mas pode ser também uma poesia.

Se você é um artista, pode ser também uma música, pode ser um mapa, pode ser uma linha do tempo.

É, pode ser um vídeo, então as possibilidades de participação no dicionário se ampliam cada vez mais, né? A gente está o tempo todo com a equipe de ti tentando aprimorar as ferramentas tecnológicas, mas a ideia é trazer essa diversidade de formas de narrativa para contar a história das favelas.

Do Brasil, né? É a partir do dicionário. Então a gente queria deixar esse convite para que todo mundo, né?

Que estivesse assistindo a gente possa entrar para escrever, contribuir.

A nossa produção está colocando aí o endereço para quem quiser acessar o dicionário, quem quiser integrar o dicionário, né, para poder enriquecer ainda mais, né Paloma?

É, vamos escancarar isso, esse convite?

Porque ele precisa de muito.

Mais gente? Exatamente. Todos os múltiplos?

Exatamente.

Pluralidade vamos fazer o intervalo rapidinho no próximo bloco. Você acompanha aqui no programa o lançamento do projeto memória viva, produzido pela equipe do dicionário de favela Marielle Franco. A gente já volta, não sai daí.

Sala de convidados está de volta conversando sobre o dicionário de favelas Marielle Franco. Comigo no estúdio para essa conversa. Paloma Menezes, integrante da equipe do dicionário de favelas Marielle Franco.

Cleonice dias, integrante do conselho editorial do dicionário de favelas Marielle Franco, ex moradora da cidade de Deus, no Rio de Janeiro.

Itamar Silva, integrante do conselho editorial do dicionário de favelas Marielle Franco, morador do morro de Santa Marta, também no município do Rio de Janeiro. E você que

ainda não participou do programa, hoje manda suas perguntas para mim. Seus comentários você manda pelo WhatsApp 0 21 99701-8122 ou pelas redes sociais do canal saúde.

Só não deixa de participar. Agora vamos conhecer um pouco do projeto memória viva.

Tem 11 frase da Angela Davis que ela vai falar.

Nós, mulheres, negros, estamos na base da pirâmide e se estamos na base da pirâmide, se a gente se movimenta, se a gente se articula?

Toda a sua sociedade se articula também se movimenta também um.

Espaço de conversa para reviver lembranças do passado.

O.

Projeto memória viva ele nasceu em 2023. É diante de um objetivo que é o objetivo geral do projeto cenários favelas amarelo e Franco.

Que é o resgate, é da memória, enfim, das identidades, é coletivas, é das periferias e favelas do Rio de Janeiro e do Brasil. Então ele nasce com o propósito de realizar, é com lideranças, diferentes, gerações, né? É entrevistas, né, que perpassem também ali toda a construção histórica dessas lideranças, enfim, também esses projetos para o futuro, né?

De uma forma não só resgatar a memória, mas também trilhar aí os caminhos para as novas gerações de movimentos sociais e movimentos de chavelas. Bom, a ideia era.

Ter um conjunto de entrevistas que pudesse mostrar não só o que essas lideranças fizeram, como elas contribuíram, mas também mostrar um pouco delas quem elas são, né? Quais são os seus sonhos? Primeira pessoa é minha mãe.

Minha mãe, né? Porque ela ela me ensinou a não ser subserviente e eu ocupar o meu lugar. E a segunda pessoa é Lélia González, que a Lélia González, ela fez minha cabeça.

E logo depois ela ela que me apresentou Benedita, aí depois aí na no mundo da política, aí não tem outra, tem Benedita da Silva Mônica Francisco foi a entrevistadora do projeto, que contou com o relato de 12 lideranças de favelas do Rio de Janeiro, desde as mais antigas até as mais jovens.

Eu acho que todo mundo precisou ouvir um pouco, entender porque algumas pessoas, elas.

Se envolvem numa luta, às vezes sem reconhecimento nenhum. Por que que isso acontece, né? E em espaços ou x, onde a política pública é escassa, onde a falta é a presença.

Uma pergunta ou alguma resposta que tenha te marcado?

Acho que estavam relacionadas com a infância, então a maioria teve uma infância atravessada pela violência, é pelo pelo trabalho.

Não é? Teve uma especificamente que não conseguia falar da infância sem falar do trabalho. Então foi uma infância atrelada ao trabalho, trabalho infantil.

A coordenadora de comunicação do dicionário de favelas Marielle Franco conta que o produto final desse projeto é um conjunto de vídeos longos, curtos, áudios e transcrições que serão disponibilizadas na plataforma week favelas para servir como fonte de pesquisas, instrumento didático para discussão sobre identidade e memória nas escolas.

Acredito que como a gente está falando, né? De identidades, muitas vezes invisibilizadas, enfim, é subterrível.

E silenciadas quando a gente cria o projeto dicionário de favelas, né? Dando prioridade, né? Enfim, essas vozes, essas manifestações, a gente já tá ali, é incidindo politicamente na construção de um futuro mais plural, mais amplo, né?

E memória viva tem, né? Particularmente, é esse objetivo também, porque grande parte das pessoas que foram ali entrevistadas, enfim, são de gerações do passado que.

Os jovens de hoje não é, conhecem muito.

A escolha do lançamento para o final de novembro está relacionada com a comemoração dos 5 anos do dicionário de favelas Marielle Franco, mas também celebra outros Marcos importantes.

Em novembro, né? Mês da Consciência Negra, a gente levar também essas vozes, né? Com maior amplitude, inclusive a partir dessas parcerias, como o canal de saúde.

E também marcar é.

Enfim, em dezembro, né? É o dia nacional dos direitos humanos, que o direito à memória e o direito à cidadania e o direito à cidade são direitos fundamentais.

Quero você, Mônica. Quero nós, mulheres negras, nós, as mães de leite. Querida, nós não temos direito de parar.

É só prosseguir.

É só acreditar na nossa imagem e semelhança.

Verdade.

E a gente vai alcançar, é isso, os nossos sonhos. Porque aquela história, sonho que se sonha só.

É só um sonho, mas nós estamos sonhando juntos.

Ainda existe a necessidade de dizer que a favela é lugar de pessoas que contribuem com a sociedade, com seu trabalho.

Né? Com pessoas que estão produzindo pensamento científico, as pessoas vão se emocionar muito, vão se surpreender com a capacidade intelectual, com a capacidade de transformação que essas pessoas que esses entrevistados entrevistadas é.

Têm e tiveram. E como as suas ações, as suas trajetórias estão atreladas ao desenvolvimento da cidade do Rio de Janeiro.

Itamar tem uma fala, ó perdão, tem que dar uma. Passar uma mensagem aqui para você acessar o projeto memória viva pelo endereço que aparece na sua tela, vicfavelas.com.br dá uma passeada no dicionário e depois acessa a memória viva memória viva dentro do site. Eu estou aqui com isso na cabeça, por isso que eu acabei esquecendo de passar a mensagem para o pessoal que está em casa, mas a Juliana França, ela fala uma coisa que para mim.

Me trouxe muita potência, né? Que ela diz assim, nós, mulheres negras, somos a base da pirâmide. E como somos a base, quando a gente se movimenta, toda a sociedade se movimenta também, enquanto a representatividade tem nisso, né?

E tem a ver com aquilo que a gente tava trazendo, de tirar a população da favela de um lugar de passividade, assim como a mulher negra, que é a base dessa pirâmide. Mas ela é de uma potência enorme. E se ela se se movimentar?

Ela muda toda a sociedade, obriga a sociedade a se movimentar também.

Não é lindo esse depoimento da Juliana? Porque é lindo? E é nesse contexto que a gente tá vivendo, em que as mulheres e fundamentalmente, as mulheres negras alcançaram o protagonismo e tem feito a diferença no debate político nacional.

É, mas a gente pensa que penso na minha mãe, por exemplo, né?

E as mulheres todas de favela, quanto elas foram fundamentais para manutenção e para que os filhos pudessem continuarem vivos? Não é à toa que o enfrentamento hoje da violência

no Rio é feito por mulheres. Você olha qualquer favela, né?

A resistência, o embate direto com a violência de estado é feito pelas mulheres, mas a gente reporta um pouco mais. Eu trago para mim a infância.

Minha mãe pega ela, doméstica, trabalhando, conseguiu é cuidar de 6 filhos e olho para o meu entorno, ali do Santa Marta, a favela que eu vivo, né? Quantas mulheres, né? Batalharam fortemente para manutenção e para reprodução dessa vida, desse cotidiano tão duro que estava colocado nas favelas.

Eu acho que a gente alcança hoje 111, visibilidade e um protagonismo dessa, dessa figura, dessa mulher e dessas mulheres de favela, né? Fundamentalmente num discurso que ganha, ganha, ganha o mundo, né? Um pouco.

Isso é muito bacana. Eu fico emocionado quando eu vejo a Juliana fazer essa, essa afirmação, porque é uma realidade.

É e um desafio contínuo, né? Um pouco não que.

Seja fácil fazer essa mobilizar, vamos essa base.

Não estamos botando assim, é botando Bilu blue em torno disso. Mas é um pouco. É.

É de uma, de uma força e é de uma de uma, é de uma capacidade que é impressionante. Eu acho que os homens.

E aí todos nós homens estamos aprendendo, né? E tem que é tirar o chapéu e aprender com esse processo de resistência, né? E de afirmação de um lugar que foi tão suboternizado durante muito tempo, apesar da construção cotidiana desse mundo que as mulheres é.

São responsáveis?

E a produção do conhecimento é tão importante para isso, né, Paloma? Assim, você tanto o homem, poder ouvir as mulheres, né? Sejam elas negras, mas principalmente as mulheres negras ou brancas.

Existe uma movimentação social quanto também a sociedade se integrando com esse conhecimento, né? E aí eu te pergunto o seguinte, o dicionário, ele que que você percebe enquanto assunto mais comum nos verbetes do dicionário, que assuntos aparecem ali como verbetes, então?

Como eu já citei alguns, né, que os assuntos são muito variados, né? A gente vai ter muitos verbetes sobre cultura, sobre sociabilidade, sobre economia, sobre infraestrutura das

favelas, políticas públicas, políticas de segurança. É, mas eu acho que uma marca do dicionário que eu queria reforçar, porque também é uma marca do memória viva, é o processo coletivo de produção do conhecimento, é e das narrativas que ali estão presentes, né?

Os verbetes do dicionário são autorais, então as pessoas.

Nos assinam, né? Tem autores e autoras, mas várias vezes esses autores e autoras não são únicos, não são individuais, mas são instituições, são grupos, são coletivos.

É, isso é muito interessante pra trazer. Como as instituições também têm suas memórias, também têm seus conhecimentos coletivos produzidos, né? No dia a dia da luta, da construção, então isso é o 11, marca muito forte do dicionário, esse processo de produção coletiva, isso se dá com quem entra na plataforma e escreve, mas também com quem quiser ler.

Ele pode fazer comentários, né? Dentro da própria plataforma e dentro da própria equipe, né? O memória viva, ele surge de uma demanda do conselho que já em si uma organização.

Né? Coletiva, um coletivo é de moradores e moradoras de favelas, intelectuais que estão pensando a política dessa plataforma. É e ele é feito, ele é produzido, é a partir de uma equipe que também se integra e trabalha muito fortemente.

Querida só citar algumas pessoas, né? Nossa Gabriel, Paulo David saúde, que filmou Arthur, que também ajudou Gislaine na edição, é claro, e todo mundo da comunicação, muitas pessoas é.

E ele tem uma imagem, eu acho, muito bonita e forte, que é da Mônica, Francisco Roma, entrevistadora, porque isso permite. A Mônica é uma comunicadora, né? Exemplar, então ela tem uma capacidade de conversar e de entrevistar, que é incrível, mas além disso, ela tem a vivência, ela tem o olho no olho, de saber compartilhar aquelas memórias, histórias a partir de um afeto, de uma troca que eu acho que é muito genuína e que trouxe um diferencial muito importante para o projeto, né, que não é um projeto que tem uma distância, é uma neutralidade, um afastamento.

É, é um projeto posicionamento, né, a partir desse posicionamento, dessa troca coletiva, né?

É Cleonice. A gente quem assiste. A gente sempre sabe que o nosso produtor, Cristovam Paiva, sempre bate um papinho com os convidados antes do programa e traz uma série de elementos interessantes para o nosso debate.

E você disse para ele que é? Existe uma comparação com o arco e para você existe uma comparação com o arco e flecha nessa história de remontar ao passado, levar ao passado

para poder avançar, queria que você trouxesse.

Essa linda comparação ao que você trouxe para nossa produção?

É só pensar, né? Para direcionar bem, não é uma flecha, você tem que puxar bastante, não é o arco e tem que puxar e quanto mais certo tem que ser o alvo.

E estrategicamente, você tem que olhar onde você quer chegar. Você tem que olhar a força que faz. E voltar é voltar sempre na história construída com a luta no passado, né?

Para nós, compreendermos as favelas hoje no Rio de Janeiro, você tem que voltar lá em 1850, na lei Eusébio de Queiroz, que proíbe a escravidão. Mas 10 dias antes surge uma lei.

E diz que quem não tem dinheiro não pode ter acesso à Terra só comprando. Então, em 1888, quando os escravos são libertos, entre aspas, eles já não podem ter acesso à Terra. E aí a sua força de trabalho tem que ficar lá justamente pros senhores continuando garantir o lucro, né?

Quando a gente olha para a estrutura da cidade do Rio de Janeiro.

Né? Nós vemos que a primeira cabeça de porco que sai do centro da cidade sai, porque ali no centro não podem ficar os pobres e eles tem que ir para buscar a favela, né? Junto com isso, vem a ideia de classe perigosa, que é importado da França e aí associado aos pobres, o fato de ser classe perigosa, pobre e negro.

E aí você dá um passo a frente e acerta. Como estão os negros hoje nas favelas? Então esse arco, né?

Ele simboliza que, pra você entender o que está acontecendo hoje, você volta pro passado. Você olha o que foi construído historicamente, do ponto de vista dos povos que são submetidos, que estão empobrecidos.

Não é não do ponto de vista da classe dominante, né? De quem tem o poder, mas de quem luta. E aí a gente tem um outro contexto, a favela.

Ela é 11 afirmação, porque ela é uma resistência em todos os níveis.

A Alegria na favela e resistência. O futebol ficar na birrosca tomando é cerveja até mais tarde. É as mães crecheiras, as avós que levam as crianças pra escola.

Quando as mães estão trabalhando. Tem uma resistência viva de vida na favela. Sabe que não está nem sempre dentro da organização política quando ela se torna.

11. Visão política do que é a luta. Aí a gente está fazendo e construindo a história, está construindo o processo de transformação.

Mas existe uma resistência diária na vida e as mulheres sempre, sempre resistiram. Sempre.

Fala, Itamar, já IA te pedir para comentar?

Não porque é essa.

Eu estou pensando aqui um pouco no na importância desse projeto memória viva, né? Eu acho que a gente vive um momento de muitos individualismos, né? Um pouco.

Há uma exacerbação, né? Da capacidade individual de cada 1 e 1 parte da Juventude carrega. Esse é, essa pretensa é, é, é capacidade.

Eu acho que o memória, ele ele recoloca algumas figuras no centro de reflexão, na medida que ele traz a experiência, né? Do passado, de alguns militantes moradores daquela favela. A importância desse engajamento e propõe um diálogo, permite que essa Juventude reconheça nos seus, nos seus, né?

A os elementos da, da, da, da reficção, da luta, da necessidade e da construção pensando no futuro.

Então, acho que que é um, é um é, ele carrega esse potencial, uma memória viva de de estabelecer esse esse encontro entre gerações diferentes, mas que estão ali naquele mesmo território ou estão na mesma situação de desigualdade, né? Constitutiva nossa, mas que também carregam o potencial e a possibilidade de resistência e de construção do futuro. Então acho que é fundamental, bacana.

EE Claire está falando do arco, né? Falei, como é que é importante, né? Nada acontece agora.

Né? Alguém já fez antes, né? Tem um passado, tem uma história que a gente precisa reconectar com ela.

Não para, repeti la, mas exatamente para construir Oo caminho de frente, não é?

Eu também fiquei pensando sobre essa coisa do arco sendo puxado para trás e pensando assim no projeto memória viva, também no projeto Quirino, que faz um convite a você visitar essa história que foi contada de uma forma pasteurizada nas escolas e que a gente cresce achando que era muito normal, né? Assim, Ah, naquela época era normal escravizar as pessoas.

Né, e isso precisa ser revisto, né? Itamar? O tempo todo e aprimoradamente.

Né? Eu, eu costumo dizer que é o Brasil precisa conhecer a sua história. E conhecer significa conhecer o que significou o processo de escravização no Brasil.

Acho que isso é fundamental. Se a gente, a gente não vai conseguir superar AAOO, essa passado não vai mudar, né? O passado não vai mudar.

Porque as marcas estão presentes até hoje, né? Quando a gente pensa que é uma sociedade que admite ou naturaliza a morte de jovens negros cotidianamente, mas por quê?

Isso só é possível porque há 11. Desqualificação está ainda Na Na memória afetiva dessa sociedade de que negro não tem alma, né? De que negro não, não, não, não, não é humano.

Então, o que é descartável? Então, isso precisa ser ressignificado na história. Ele só vai ser ressignificado com a luta, com um posicionamento e com a gente trazendo esses elementos.

Que são necessários?

E com a voz das pessoas das favelas, das pessoas negras sendo escutada, tendo canais de comunicação que possam chegar a mais gente. Eu já IA te fazer uma pergunta, Paloma, porque o dicionário já está chegando em países de língua portuguesa. Eu queria que você falasse um pouquinho disso, dessa expansão e da importância disso.

E o que mais você quiser comentar?

Então eu queria só voltar no tema da escola, né, que eu acho que é muito importante. Fiquei lembrando do samba da mangueira em homenagem a Marielle, né? Aquela coisa, Brasil, meu nego, deixa de contar a história que a história não conta, né?

Em alguma medida, a gente teve uma preocupação no memória viva de ter depoimentos completos, longos, que é, é que deem espaço para complexidade das narrativas. Mas a gente também fez versões mais curtas.

É em torno de 20 minutos que a gente vai disponibilizar para canais comunitários, escolas, TVs universitárias, porque a gente acha que é muito importante trazer essa história, né, para as escolas, para os debates, é é informação dentro do âmbito escolar. Então isso é uma preocupação muito importante que a gente tem trabalhado bastante no dicionário, que é de transformar os verbetes do dicionário em material didático.

Como é que a gente pode contar pra esses alunos e alunas que estão se formando a história dos seus territórios de moradia? Ou mesmo pra quem não é de favela, que também precisa conhecer a história das favelas pra é pensar a cidade de uma maneira mais complexa, né? É,

é interessante, é.

E é muito legal ver como está chegando em outros lugares do mundo, né? O dicionário tem sido acessado em vários países.

É especialmente de língua portuguesa, porque a maior parte do nosso conteúdo é em português, mas a gente também está começando a traduzir alguns herbetes e está começando a receber contribuições sobre favelas e periferias de outras partes do mundo. Então isso é muito legal também a gente pensar no dicionário agora que saiu ali do carioca, né? Para se tornar realmente mundial, uma vez que os nomes vão variar muito, né?

Então, nem todo lugar vai chamar favela, como a gente chama de favela.

Vão ter muitos nomes, mas como Oo Itamar tava falando? As desigualdades repetem, né? Em larga medida, então, pensar comparativamente esses territórios em várias partes do mundo, eu acho que é mais uma das potências, né?

Que o dicionário abre espaço.

Você comentou também nessa conversa anterior prévia ao programa é Cleonice sobre o Refavela. Um verbete que tem muita representação, né? Representatividade do que que é viver.

E se e manter as condições das favelas, né? Queria que você comentasse isso. A gente está chegando no finalzinho do programa tentar fazer mais uma rodada, mas eu acho que esse verbete merece um destaque, né?

Deixa.

Eu te falar uma coisa, esse verbete, ele, ele ainda não está feito porque a pessoa que deveria ser autor, que fez um samba enredo lá na cidade de Deus sobre Refavela, né?

Ele ainda não pôde escrever, adoro.

Que a gente já fica sabendo como é que são os processos. Não é tão simples assim, é, tem. Tem toda uma reflexão, né?

Oo conceito de Refavela. E aí a gente traz o Gilberto Gil aqui no nosso papo, né? Grande Gilberto.

Ele vem do seguinte, a cidade de Deus é um conjunto habitacional que surge na época da ditadura, quando o governo resolve.

É enfrentar o governo da ditadura resolve enfrentar o fato das favelas votarem no partido comunista, né? AAA, maioria dos votos da favela era nos partidos, no partido comunista. E aí você faz os conjuntos habitacionais cidade alta, Vila quente, Vila Aliança.

E tem mais 2 que agora eu não, não estou me lembrando.

Que mistura a cidade de Deus, por exemplo, mistura 5 grandes favelas e 57 favelas menores, mais servidores públicos. E você rompe com aquela organização socioafetiva que existia na favela e de resistência. Mistura.

E na cidade de Deus, até hoje a gente vive as consequências disso. É muito difícil mobilizar pra um processo coletivo mais amplo, morando todo mundo muito junto, muito colado, mas a gente não consegue mobilizar, não ser que estejam sendo afetados por alguma questão mais específica, né?

A Refavela é justamente o conjunto habitacional que foi feito para misturar, para dividir, e que por falta de infraestrutura e de investimento e continuidade, tem a estrutura da favela, que também não recebe o investimento necessário e tudo mais. Então a cidade de Deus hoje é uma região administrativa.

Só com o seu microfone aí que eu já estou vendo o meu técnico de som ali, nervoso.

Mas é uma Refavela.

Porque está verticalizando, porque cresceu o que podia ser. E falta todo tipo de investimento nas políticas públicas. Que falta também nas favela.

Refavela é isso.

Que aula, gente, né Paloma? Uma palavra final aí para a gente tá fechando o programa nos próximos minutos. Assim, para onde que o dicionário vai, né?

E qual é o sonho que se coloca aí? De aonde queremos chegar?

Então, queria.

É terminar agradecendo a cada uma dos entrevistados entrevistados que toparam contar suas histórias na memória. Viva, né? Com o coração aberto, trazendo muito afeto, muitos detalhes sobre as suas histórias, que são muitas vezes, né?

Histórias coletivas sobre seus territórios de moradia, sobre suas famílias, suas vizinhanças, suas instituições e grupos, né? A qual esses entrevistados entrevistados pertencem. Então foi um privilégio poder ouvir todas essas histórias, né?

E aí eu acho que é muito bonito, porque a gente terminava cada entrevista do memória viva.

Pedindo para cada uma e cada um contar dos seus sonhos, né? Do que projeta para o futuro. E era muito impressionante ouvir como as pessoas, ao falarem dos seus próprios futuros falavam, dos futuros das favelas e das cidades, né?

Porque essas referências é é sempre tão preocupadas com a construção da cidade. É estavam o tempo todo projetando e falando. É dessa necessidade de se pensar no coletivo, né, Itamar, que se repetia tanto.

Do quanto hoje é num ambiente de tanto individualismo, é das dificuldades todas que a gente sabe que ainda perpassam o contexto político, social do nosso país. Essas lideranças e referências afirmavam a necessidade de uma luta coletiva, né? De uma luta para transformar o direito à cidade.

É o direito à vida nas favelas e o direito à memória. E eu acho que é isso que o dicionário tenta.

É ajudar ali com tijolinho a mais a cada dia, né? Esse processo constante de é é Batalha pela vida, né? EEAIO direito à vida também não pode ser só o da existência física, né?

A gente quer poder celebrar a existência de muitas maneiras. E o dicionário tenta fazer isso com direito à memória, com direito à cultura, a voz, às narrativas.

Maravilhoso, Itamar. Como é que você vê o dicionário no futuro? Que mensagem você quer deixar para quem está acompanhando a gente?

Bom, o dicionário, eu acho que ele é uma contribuição fantástica para uma coisa que eu venho é pensando, é favela, é o nosso ponto de partida, nosso ponto de chegada. E eu acho que o dicionário, ele é parte dessa Conquista que a gente tem hoje, por exemplo, quando a gente consegue transformar.

Aquela frase horrível do IBGE, né? Que favela como aglomerado sub normais e ter conquistado hoje essa insígnia de que favelas e periferias urbanas, então foi uma Conquista pra dizer que a favela não vai acabar, né? A favela ela tá se constituindo e se constituiu como uma expressão urbanística, social e econômica do da cidade do Rio de Janeiro.

Então, favela é a cidade nesse sentido e eu acho que o institucional contribui efetivamente é com com, com essa, com essa Conquista, com esse desenho.

Então, assim, é para dizer para as pessoas que é sempre bacana a gente poder falar sobre outras, que a gente está envolvido, que a gente gosta e que tem uma contribuição, uma

incidência efetiva sobre a construção de um mundo melhor para todos nós, nessa perspectiva que Eu Acredito que é a contribuição adicional de favelas.

Eu fiquei aqui refletindo quando você falava assim, que é muito interessante a gente olhar com atenção para isso, né? Que a favela ela não quer que deixar de existir, ela precisa ter acesso a tudo o que a cidade acessa.

Favela não é uma transição. Favela ela é, né? Ela é esse espaço, constitui, tem muitos problemas, tem muito a que se avançar, mas ela conquistou essa possibilidade e esse lugar que é de ser uma expressão dessa cidade.

E a gente tem que qualificar cada vez mais isso.

Favela com direitos, e.

Sem violência. É um lugar para se morar, para se viver, né Cleonice? Que que você deixa para gente?

Ah, eu deixo assim um convite para todo mundo que está nos vendo agora e que vai nos ver depois, né? Nas possibilidades de reprodução deste vídeo na vida das pessoas é que aproveitem. É esse nosso momento dos 5 anos que virão mais.

E que de dicionário nós seremos uma biblioteca de resistência política, de enfrentamento, né? Da desigualdade e da afirmação da força das pessoas que vivem nas favelas e nas periferias. A outra coisa que eu gostaria de dizer é que a equipe e o conselho editor, a Sônia, nós temos muito que comemorar e celebrar, porque é um processo que.

É de crescimento? Não é? Mas é um processo que precisou de coragem para começar, não é?

E está crescendo de forma inesperada, mas que é fruto de muito trabalho, de muito investimento, de muita criatividade, de muita resistência. Agradecer a vocês, não é?

Espero que algum de vocês que estão aqui escreva algum verbete sobre a intimação.

Uma equipe para quem está assistindo em casa.

Escreva porque teve alguém que falou que tem uma história legal de uma pessoa da favela que.

Ela está dizendo aqui que o nosso produtor vai fazer um vermelho.

Está.

Ali, ó, e agradecer muito, né? A possibilidade de estar nesse momento de convívio, desse crescimento do dicionário e celebrar.

Que maravilha, Itamar, Leonice Paloma. Que prazer, que delícia de conversa e vamos torcer pra essa pra esse acesso se ampliar da maneira que o dicionário merece. Parabéns pra esse trabalho lindo de vocês.

E obrigada, você que acompanhou o programa de hoje aqui no canal Saúde ou por um dos nossos canais parceiros, vou pedir para nossa produção colocar mais uma vez aí o link do ik favelas para você poder acessar o dicionário, jogar lá seu verbete. E se você quiser compartilhar essa conversa, entra no site do canal Saúde. Lá você vai encontrar o acervo com a nossa programação completa.

E não esquece que toda semana a gente tem um assunto relevante para dividir com você, então não vai perder o próximo programa. Canal Saúde, há 30 anos construindo cidadania a gente se vê.